

Os riscos do risco

Drawing the lines

Álvaro Siza – Uma referência da arquitetura mundial

Álvaro Siza – A referential figure in world architecture

A palavra "risco" é uma palavra tipicamente moderna. A consciência do risco parte do pressuposto moderno de que aquilo que está para vir, o futuro, não é apenas um capricho dos deuses. A modernidade libertou o Homem para a ideia de que é mais do que um espectador passivo do destino e, por isso, através dos instrumentos científicos por si conquistados, tem um poder de compreensão, previsão e intervenção que está além do domínio obscuro do oráculo dos adivinhos e dos áugures. O primeiro registo da palavra acontece na língua castelhana no século XIV, mas ainda sem o significado moderno que assumirá durante o século XVI: 'probabilidade de perigo ou de malogro de determinada coisa'. Remotamente poderá ter a sua origem etimológica em *resecare* (cortar, cercear) que tinha também uma conotação marítima: escolho que fere o casco de uma embarcação, por referência aos rochedos que ameaçavam os navios na sua aproximação à costa, fazendo-os perigar. O uso singular de 'risco' em português como traço, linha traçada no acto de desenhar ou projectar, não é difícil de entender neste contexto significativo: não há desenho ou projecto livre do perigo de encalhar ou mesmo naufragar na sua aproximação ao motivo que pretende representar.

O risco está associado etimologicamente ao mar e aos perigos marítimos. Não se pode estranhar, portanto, que as seguradoras tenham tido um incremento significativo, se não mesmo o seu início, na época das Descobertas. O ímpeto empreendedor dos primeiros descobridores aconselhava um seguro, não para cobrir, em primeiro lugar, as perdas avultadas dos naufrágios ou das piratarías, mas para não comprometer o futuro dos armadores e valer socialmente às famílias das vítimas.

Álvaro Siza (Matosinhos, 1933) nasceu junto ao mar e no meio de pescadores. Viu os mesmos rostos que viu Augusto Gomes. Álvaro Siza desenha há muitos anos. Desenha desde criança. Quando a mão se aventura sobre o papel, sabe por onde cortar, por onde abrir canais de representação. Mas, às vezes, até o capitão mais experimentado não pode impedir que o seu navio se afunde. O desenho é um risco.

The word 'risk' is typically modern. Our awareness of risk stems from the modern assumption that the future is not determined by the whim of a god. Modernity has set man free. More than a passive spectator under the thumb of fate, hard-earned scientific tools have provided mankind with powers of understanding, foresight and intervention beyond the murky prophecies of oracles and augurs. The first record of the word in Spanish dates back to the 14th c., although it would not take on its modern meaning until the 16th century: a chance that a given thing might fail or come to harm. Its etymological root may come from the Latin verb *resecare* (to tear, to cut), which also bore a maritime connotation: it was used to describe the collision between a rock and the hull of a boat, alluding to the jagged rocks that imperiled ships as they drew near to the shore. The unique Portuguese usage that makes "risk" (risco) synonymous with "line," the kind of line you draw on paper as your project takes shape, is not hard to understand in this context. Any design or project may founder and fail as you approach your desired goal.

Etymologically, risk is associated with the sea and the dangers of sailing. One is not overly surprised to learn that insurance companies were significantly developed, if not actually started as modern companies, at the time of the Portuguese Discoveries. The enterprising momentum that carried the first explorers was a strong argument in favor of insurance. Not to cover the damage caused by shipwreck and pirate, but to protect the careers of ship owners and provide succor to the families of the victims.

Álvaro Siza (Matosinhos, 1933) was born by the sea and grew among fishermen. He saw the same faces as painter and lecturer Augusto Gomes. Álvaro Siza has been drawing for years. He began as a child. When his hand ventures across a blank piece of paper, he knows where to cut and erase, where the channels of representation will lead you. Sometimes, even the hardest of skippers will be powerless as the ship sinks. Drawing is risk.

“(...) não há desenho ou projecto livre do perigo de encalhar ou mesmo naufragar na sua aproximação ao motivo que pretende representar.”

“Any design or project may founder and fail as you approach your desired goal.”



Fundação Iberê Camargo, Brasil
Iberê Camargo Foundation, Brazil

Há uma ambiguidade essencial na palavra ‘risco’, uma espécie de ironia. Como é que um arquitecto lê esta ambiguidade, se é que as ambiguidades têm leitura?

ÁLVARO SIZA (AS): O que se vai vendo por aí não é muito ambíguo. No que diz respeito à arquitectura, o que se vê à nossa volta não é ambíguo, mas concordo que é um perigo... É curioso verificar que a primeira escola de arquitectura foi a ‘Aula do Risco’. [referência à ‘Aula do Risco’ criada pela primeira vez em 1594 por Filipe II na Ribeira das Naus e recriada mais tarde, em 1720, por D. João V. Esta Aula assumiria um papel preponderante na reconstrução da cidade de Lisboa na sequência do terramoto de 1755]. Depois a expressão popularizou-se: ‘fazer um risco’, pedir ‘um risco’ ao arquitecto. As pessoas que pedem ‘um risco’ mal sabem o risco que correm...

Já pensou no traço do desenho como um aventureiro que a mão não controla?

AS: A aventura, o não pré-concebido ou programado, está sempre presente na Arte. Picasso dizia que, quando começava a desenhar ou pintar, nunca sabia o que podia sair da sua mão. Não tinha programado ‘vou fazer isto ou aquilo’. Mas nem sempre assim é. Está estudado que o próprio Picasso tinha quadros feitos a partir de fotografias. Mas é verdade que ele fazia desenhos com um traço único, contínuo, sem interrupções, desenhos magníficos.

O Siza também faz assim...

AS: Não, isso é difícil. Já tenho tentado, mas é muito difícil. Aí é que está o grande risco porque quase nunca sai bem. Há dias em que, por razões várias, há como que um fosso entre a mente e a mão, falta comunicação; e então os desenhos são mal feitos, sem espontaneidade, porque falha esse mecanismo que mexe com tudo, que põe em relação a mão, a mente, os olhos, o espírito, tudo, e de uma forma espontânea.

Mesmo um desenhador experimentado como Siza sente essa impossibilidade de a mão obedecer a uma ordem da mente e, portanto, o risco fugir ao controle da mão?

AS: Sim, mas nem sempre. Por exemplo, com um bocadinho de whisky o traço corre melhor [risos]. Só que aí o risco é doutra natureza. Aí somam-se ainda mais riscos ao risco... Eu desenho constantemente, mas não exclusivamente. Não tenho aquele exercício permanente que dá, se é que dá, uma largueza e espontaneidade de acção que poucos têm.

E com o risco da arquitectura acontece o mesmo?

AS: Aí é diferente. Em primeiro lugar eu uso o esquisso apenas como pesquisa. Aí não há grande risco porque também não há a preocupação de corresponder a uma encomenda, a uma expectativa. É uma pesquisa. Essa liberdade, ou não condicionamento, permite uma determinada representação de uma ideia que depois é criticada, confrontada ou mesmo abandonada. E, portanto, não há aquela concentração de uma vida que havia no caso do Picasso. Conta-se que certa vez uma pessoa o procurou para lhe comprar um desenho e ele fez o desenho num minuto ou em segundos. E pediu uma fortuna por ele. A pessoa diz-lhe: ‘então você demorou uns segundos a fazer o desenho e pede uma fortuna por ele?’ Picasso respondeu-lhe: ‘Não, não. Não foram uns segundos, foram muitos anos’.

*There’s an essential ambiguity in the word ‘risk’ (risco), a kind of irony. How does an architect perceive this ambiguity? What do you read into that? **

ÁLVARO SIZA (AS): *The things you see around you aren’t that ambiguous. As far as architecture is concerned, what you see around you is not ambiguous, but I do agree there’s danger there. It’s funny to learn that the first architecture school in Portugal was the Aula do Risco. [Siza means the lecture, Aula do Risco instated 1594 by Filipe II at Ribeira das Naus and reinstated later, in 1720, by D. João V. This Lecture would play an instrumental role in the rebuilding of Lisbon after the 1755 quake.] Then the phrase became popular parlance: “to make a risk” [drawing something], asking the architect for “a risk” [a draft line or two]. People asking for a line or two don’t usually know where to draw the line...*

Have you ever considered the line flowing from your pen as a kind of explorer that your hand does not control?

AS: *Adventure, things that are not preconceived or programmed, will always be there in Art. Picasso said that, when he began to draft or paint, he had no idea what would come out. He hadn’t decided on doing this, that or the other. It is not always so. It’s been noted that Picasso himself painted pieces from photos. Don’t forget that he did produce drawings that ended as they began, a single, uninterrupted line. Magnificent drawings.*

Sometimes you do that yourself...

AS: *No, that’s difficult. And I’ve tried, but it’s very difficult. There’s a major risk there, because it hardly ever comes out any good. There are days when, for a number of reasons, there’s this gap between your brain and your hand, communication’s breaking down. That’s when drawings go wrong, they’re not spontaneous, because there’s a glitch in that mechanism that controls everything, that coordinates your hand, your mind, eyes, spirit, everything, and spontaneously at that.*

So, even an experienced draftsman like Siza feels the disconnect between the hand and the mind? That your lines will not be controlled?

AS: *Yes, but not always. A drop of whisky can really improve your flow [laughter]. But there you’re taking more chances. You’re piling one risk on top of another... I draw all the time, but not exclusively. I don’t engage in that permanent exertion that gives you – assuming it does give you that – the kind of flair and spontaneity that very few people demonstrate.*

Is it the same with the drafting of an architectural project?

AS: *That’s different. First off, because I use my sketches as part of my research method. No great risk there, because I’m not concerned whether I am meeting expectations or deadlines. It’s research. That freedom – you’re not restrained – allows a given representation on paper which can then be critiqued, antagonized, maybe even abandoned. So I can’t claim that lifetime of concentration that made a Picasso. There’s this anecdote that someone approached Picasso to buy a drawing and he produced one in a matter of seconds. Then he asked for a small fortune. The prospective buyer asked: so you spent a few seconds on that sketch and you want me to pay through the nose? Picasso answered: No, no. It wasn’t a few seconds, it was my whole life.*

* TN: “Line/Risk Lecture” – the lexical ambiguity is untranslatable



Fundação Iberê Camargo, Brasil
Iberê Camargo Foundation, Brazil

“(...) a primeira escola de arquitectura foi a ‘Aula do Risco’.”

“(...) the first architecture school in Portugal was the ‘Aula do Risco’.”



Fundação Iberê Camargo, Brasil
Iberê Camargo Foundation, Brazil



“Sem risco não há invenção e inovação.”

“Where there’s no risk, there’s no invention, no innovation.”

Mesmo quando tomamos o risco como sinónimo de projecto – Siza diz algures que o projecto é como o personagem de romance que sempre escapa ao domínio do autor – há o perigo de ele se escapar?

AS: Sim, mas isso já não tem a ver com o risco em si mesmo, o risco – movimento que representa algo, que deixa um sulco, mas com o processo de projectar: proposta, crítica, aproximação. Projectar é experimentar, deitar fora, dar um passo em frente, eventualmente voltar atrás. Se não há a concentração neste processo crítico, longo e aborrecido, não raras vezes há o risco de sair uma coisa superficial, fácil, repetitiva, amaneirada. Não se vai ao fundo dos problemas, mas aplicam-se receitas. Não há o rigor necessário e, portanto, os lapsos, os erros passam para a obra por falta de confrontação crítica.

Acha que alguma Seguradora se atravessava por um aventureiro assim como é o risco do desenho?

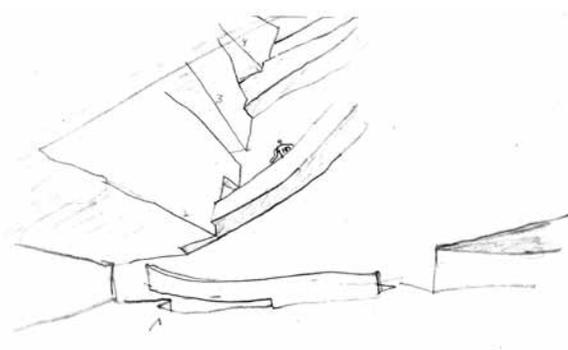
AS: Acho que já há seguradoras que fazem seguro dos projectos ou da sua concretização em obra. Noutros países é indispensável haver um seguro que cubra eventuais erros, esquecimentos, enganos de projecto. A primeira vez que tive necessidade de fazer um seguro aqui para uma obra no estrangeiro, não consegui. Os seguros também comportam um risco. Veja-se o que acontece nos Estados Unidos, por exemplo: as companhias de seguros controlam de tal forma o processo que um arquitecto que não consiga o apoio de uma companhia de seguros arrisca-se a ficar no desemprego. Apreciando o *curriculum*, a companhia segura ou não o projecto do senhor fulano de tal. E se o fulano de tal não arranja quem o segure, não pode fazer o trabalho. Acho que para lá caminhamos. Mas isto comporta uma certa ironia: a ideia de fugirmos ao risco pode impedir a qualidade. Procura-se uma tal segurança que a componente de risco e inovação, tecnológica e não só, que sempre esteve na arquitectura, fica riscada. Há um condicionamento muito forte do trabalho. O potencial de criação pode ficar amputado. Sem risco não há invenção e inovação. Amarrado às seguradoras, o arquitecto não pode senão jogar à defesa...

Even when you realize that you can’t dissociate “risk” and “project” — you said once that a project is like a character in a novel that will always elude the writer’s control — can you really lose control?

AS: Yes, but that no longer has to do with the act of drawing, your movement as you draw to represent something, to make a mark. It has to do with the steps involved in a project: You submit a proposal, it is critiqued, and the parties involved try to find common ground. Projects are all about experimenting, discarding things, taking one step forward, backtracking sometimes. If you don’t focus during this critical, tedious process, there’s a very serious risk that the project will be shallow, facile, repetitious, bland. You don’t dig deep for real answers, you’re working from formulae. You don’t make demands as you should, and so mishaps and errors will materialize during construction because nobody developed a serious critique.

Do you believe any insurance company would support the adventure and risk of drawing?

AS: I think there are insurance companies out there insuring projects, or the implementation of said projects, during the construction phase. A number of countries demand coverage for project errors and omissions. The first time I needed to take out insurance in Portugal for a project that would be built abroad, I was unable to secure a policy. Insurance companies deal with risk, too. Just take a look at the situation in the United States. Insurance companies wield great power over the process. An architect that doesn’t get an insurance company behind her will probably be out of a job. They go over your CV and decide whether they will cover your project. If you can’t find a company to cover you, you can’t take the job. I believe we’re moving in that direction. This is somewhat ironic. You’re always trying to evade risk, but that may hinder quality in the end. People are demanding such levels of security that risk and innovation, which have always been a part of architecture, could be erased from the picture. Your work is bound by strong constraints. Creative potential might be stifled. Where there’s no risk, there’s no invention, no innovation. When you’re tied to insurance companies, you have to be on the defensive all the time.



“Hoje, com a complexidade da construção (e da concepção), é impossível abarcar tudo e manter a capacidade de coordenar tudo.”

“Nowadays, construction and design grow increasingly complex, you just can't embrace every single field of expertise and coordinate everything.”

A pala do Pavilhão de Portugal deve ter assustado as seguradoras...

AS: Na altura o engenheiro é que assumiu a responsabilidade. Não sei se foi feito algum seguro. Em Portugal, a responsabilidade é dividida pela equipa projectista. E parece-me bem assim. Há uma equipa e cada uma das especialidades assume a sua quota-parte de responsabilidade. O arquitecto como coordenador da equipa – um conceito que hoje está tremido – assume a responsabilidade por tudo, mas depois é possível identificar qual é o sector do projecto que se responsabiliza directamente por qualquer problema que surja e que tenha a ver com o projecto. Em Espanha não é assim, o arquitecto é responsável por tudo. Primeiro porque a formação do arquitecto em Espanha tem uma vertente técnica muito mais importante. Um arquitecto pode mesmo calcular as estruturas. Hoje, com a complexidade da construção (e da concepção), é impossível abarcar tudo e manter a capacidade de coordenar tudo. O papel do arquitecto está exactamente em estabelecer as pontes entre as várias especialidades como elemento de construção do projecto. Não se trata de criar consensos ou coisas assim. Não. A construção do projecto vem da conjugação e ponderação dos interesses de vários aspectos da obra que muitas vezes começam por ser contraditórios; e, portanto, projectar é tornar não contraditório o que à partida poderá aparecer como tal. Em Espanha, se caírem umas escadas, o arquitecto é o responsável, embora não tendo sido ele que as projectou. Em Portugal, neste aspecto, há menos risco porque este é partilhado. Mas há outros riscos: como seja o de não ser possível elaborar determinado projecto em equipa, na verdadeira acepção da palavra, por causa deste conceito redutor da especialidade. Pode sempre aparecer um a dizer: nisso o arquitecto não mete bedelho porque essa é a minha especialidade eu é que sei. Independentemente dos modelos, o que é importante é compreender que a arquitectura é um todo e o trabalho de arquitecto tem de ser o de coordenador.

Em espanhol, 'risco' significa desfiladeiro, penhasco. Em algum momento sentiu vertigem perante o desafio do desenho, quer seja o risco de arquitectura, quer o desenho por divertimento?

AS: Quanto ao desenho por divertimento: há dias em que a coisa vai bem, olho para o desfiladeiro e fico satisfeito. Há outro dias em que não. Há dias em que não vale a pena insistir. Mas isso é uma prova de amorismo. Quem se dedica por inteiro, tem um controle contínuo sobre o que faz. É uma coisa que se vai ganhando, que se aprende. Em relação à arquitectura, há imensas dificuldades que surgem ao longo do processo, regulamentos em movimentação contínua, por exemplo, e isto aumenta os riscos. Há hoje a ilusão de querer um conforto absoluto, com condições térmicas perfeitas no interior da casa, o que implica maquinaria, consumo elevado de energia, painéis solares obrigatórios, etc. Às vezes penso que um dia as pessoas só podem sair de casa dentro de uma cápsula para não estranharem. De resto, quanto ao projecto, e quando surgem dificuldades ou dúvidas graves, há duas formas de escapar: uma é dizer 'não consigo resolver, desde que seja aprovado, vai assim'; outra é resolver com trabalho, com persistência. Claro que há nisto um impedimento insuperável porque há prazos, porque há eleições, etc.

That arcing platform you gave the Portuguese Expo '98 pavilion must have terrified insurance companies...

AS: At that time, the civil engineer took full responsibility for it. I don't know that any insurance was taken out. In Portugal, liability is divided among the members of the project team. That seems fair to me. There's a team and each specialty takes on their share of responsibility. The architect, as team coordinator – this concept is a bit sketchy nowadays – takes full responsibility for everything, but it is possible to identify which sector of the project is directly responsible for any project-related issues that come up. Not so in Spain. Over there, the architect is responsible for everything. Spain demands that architects go through a lot more technical training. They can crunch numbers related to the structures. Nowadays, construction and design grow increasingly complex, you just can't embrace every single field of expertise and coordinate everything. The architect builds bridges between specialists, he or she unites the elements of construction. This isn't about achieving consensus, or anything. No. Project construction is about reconciling and pondering the best interest of the work in progress, solving contradictions; developing a project is to turn 'contradiction' into 'combination'. In Spain, if a staircase collapses, they lay blame at the architect's door. It doesn't matter that he didn't design the staircase. In Portugal there's a lesser chance of that because risk is shared. There are other risks: The impossibility of working on a project as a team, in the truest sense of the word, because of that reductive concept, the concept of specialty. You can always have people come up and say: The architect should bloody well stay out of it because that's my specialty and I'm the one with the expertise. Regardless of the way you organize, the bottom line is, architecture is a whole, a team effort. Your job as an architect is to coordinate.

The spanish word 'risco' means canyon, or cliff. Have you ever felt a kind of vertigo before you got started on a drawing, whether you were beginning to sketch a building, or just doing it for fun?

AS: On drawing for fun: Some days it works for you, you look over the edge of the cliff and you're pleased. Sometimes it just doesn't happen. Sometimes it's just not worth it. But giving up is amateurish. If you're in it heart and soul, you exert continuous control over what you do. This is something you acquire over time, you learn it. Regarding architecture, there are many difficulties that arise during the process, rules and regulations in constant flux, for instance, and this compounds the chances you take. These days people live under the delusion that they must enjoy absolute comfort, you have to have the perfect temperature in the house, which calls for machinery, high energy consumption, mandatory solar panels, things like that. Sometimes I think the day will come when people don't leave the house unless they're surrounded by a shell, you know, so they don't experience discomfort. As for projects, when serious doubt or a difficulty come up, there are two ways to go about the whole thing. One is, you tell yourself, I can't solve it; as long as it's approved, it's good enough. The other one is to have at it, to persist. Obviously there are hurdles, because you have deadlines, elections, who knows what else.



A sua experiência torna as coisas mais fáceis, com menos riscos...

AS: A experiência é perigosa, porque pode tornar as pessoas mais conformistas. Claro que a experiência tem também uma capacidade criativa, mas num grau reduzido.

Nunca sentiu a sensação, perante uma encomenda, de pensar: o que vou fazer com isto?

AS: Ai, isso sempre, mas depois passa. O primeiro passo é sempre esse...

Mas também deve haver momentos dum certa intuição...

AS: A intuição, sim, é um risco. A intuição funciona, mas exige um percurso. Não é um flash. A intuição não poupa ao trabalho de elaboração, avanço, recuo, modificação, abandono. As horas de trabalho para resolver os problemas concretos que se deparam e dar convicção a uma ideia intuitiva podem ser muitas. E são efectivamente muitas e com grandes riscos.

Your experience makes things easier for you, less risky...

AS: Experience is dangerous, because it can turn you into a conformist. Naturally, experience gives you some creative capability, though it is on a lesser scale.

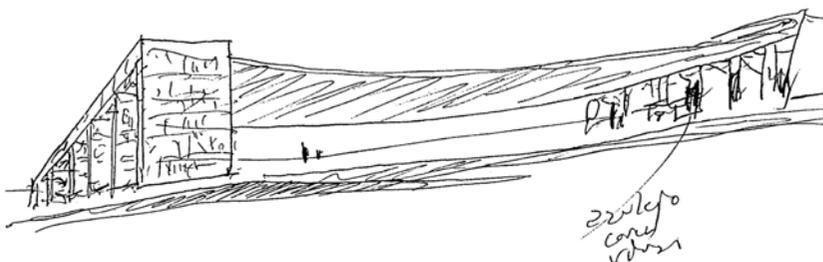
Have you ever asked yourself, on looking at a commissioned project, "What am I going to do with this?"

AS: All the time, but I get over it. That's always the first step...

Does intuition play a role?

AS: Intuition, now there's a risk. It works, but you have to go to certain lengths. It's not this sudden flash. Intuition doesn't save you the hours of drafting, moving forward, backward, modification, abandonment. The hours put into solving real problems and developing intuitive notions into something firm can grow and grow. They do grow, and there's always great risk.

Pavilhão de Portugal, Lisboa
Portuguese Pavilion, Lisbon



Entrevista preparada e composta por Nuno Higinio. Gravada no gabinete do arquitecto Carlos Castanheira a 30 de Janeiro de 2010

Interview prepared and composed by Nuno Higinio. Recorded at the office of architect Carlos Castanheira on January 30, 2010.